

AGENDA

7 DE FEVEREIRO

O SALVADO, DE OLGA RORIZ

22 DE FEVEREIRO

26.º GRANDE PRÉMIO DO
ATLÂNTICO "SERA FIM MARTINS"

ATÉ 28 JUNHO

MOVANA CHEN NA
CASA DA CERCA

OLGA RORIZ

Olga Roriz recebeu-nos no Palácio Pincas Palha para falar sobre o seu percurso e a sua mais recente criação. Coreógrafa ímpar da dança contemporânea portuguesa, fundadora da Companhia Olga Roriz e distinguida com múltiplos prémios, regressa ao solo com "O Salvado", um autorretrato em movimento que cruza memória, humor, fragilidade e resistência. O espetáculo chega ao Teatro Municipal Joaquim Benite, em Almada, no dia 7 de fevereiro.

**"QUIS PERCEBER
QUE CORPO É ESTE
AGORA, QUE MULHER
É ESTA HOJE"**

TEXTO Ana Paula Cruz
FOTOGRAFIA Raquel França



AGENDA ALMADA

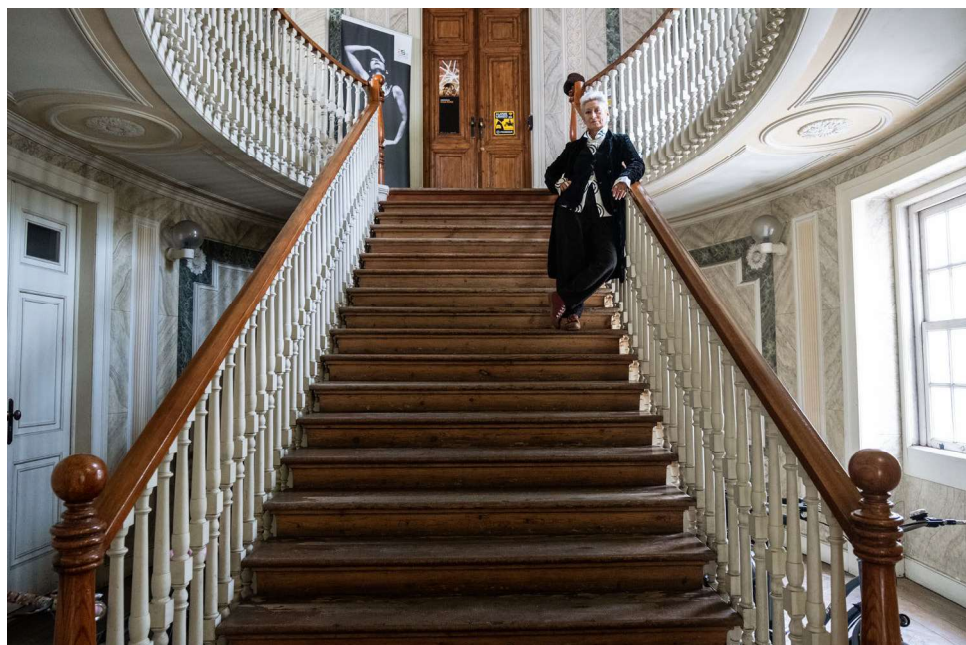
Agenda Almada (AA): O que é que nunca mudou na sua forma de criar, apesar de tudo o que mudou ao longo da sua carreira?

Olga Roriz (OR): Tive, na verdade, dois grandes períodos muito diferentes na minha forma de trabalhar. O início da minha carreira, desde os anos oitenta até cerca de 2000, num contexto de trabalho dentro das companhias (English National Ballet, no The Washington Ballet, no Teatro La Scala, na Companhia Nacional de Bailado), muito baseado

num processo mimético: os movimentos saíam do meu corpo e eu passava-os para o corpo dos bailarinos. Havia sempre um trabalho de interpretação por parte de cada bailarino, com maior ou menor criatividade, mas era um processo muito centrado no meu corpo.

A partir de uma certa altura, ligada à minha saída da Gulbenkian e, sobretudo, ao trabalho que comecei a desenvolver em solos, fui percebendo que queria outro método de criação. Um método

mais próximo da improvisação. Comecei a improvisar, a filmar tudo — filme sempre — e, a partir dessas gravações, ia aprendendo e memorizando aquilo que me interessava. Trata-se de um processo muito mais aberto à improvisação, em que a linguagem e a criatividade dos intérpretes se cruzam com as minhas ideias. É uma outra forma de criar, que se consolidou quando fui diretora da Companhia de Dança de Lisboa, em 1994, e, sobretudo,



“Há uma linha que sempre se manteve: a minha preocupação com o mundo exterior, com a sociedade, com aquilo que se passa à nossa volta.”

a partir de 1995, com a criação da minha própria companhia. Isso não significa que, a meio de um espetáculo, eu não marque movimentos de forma explícita quando sei exatamente o que quero; isso acontece, mas não é a base do trabalho. Estas são as duas grandes vertentes do meu percurso.

Para além disso, há uma linha que sempre se manteve: a minha preocupação com o mundo exterior, com a sociedade, com aquilo que se passa à nossa volta. Nunca fui buscar os temas apenas dentro de mim, mas a partir de uma observação do que acontece no mundo, muitas vezes apoiada na pesquisa (literatura, cinema, artes plásticas). Essa preocupação com o ser humano, com o que estamos aqui a fazer, com o bem e o mal, sempre esteve presente no meu trabalho. Essa linha tem sido contínua, embora em constante transformação, muito influenciada também pela relação com os bailarinos e intérpretes.

AA: Sente, então, que a sua linguagem coreográfica foi uma escolha consciente ou algo que se foi impondo ao longo do tempo?

OR: Às vezes não sei exatamente porque faço as coisas de determinada maneira: porque é que gosto disto e não de outra coisa, porque é que escolho uma cor e não outra. Há um lado muito intuitivo no meu trabalho, muito criativo e imagético. Mas existe também um lado de grande reflexão. Essa reflexão está profundamente ligada à minha formação e ao meu percurso,

até porque comecei muito cedo, com quatro anos. É um processo muito trabalhado e, nesse sentido, bastante consciente, mesmo dentro de um lado mais livre e lúdico que também me caracteriza. Tento agarrar tudo, não perder nada. Tudo o que tenho à mão pode ser usado.

“Tenho uma grande energia vital. Não me deixo ficar parada – embora também goste de não fazer nada, de olhar para o teto, de pensar. Mas mesmo aí estou a pensar. Há uma vontade constante, uma energia, um desejo latente de fazer, de construir, de imaginar e de criar.”

AA: A inquietação continua a ser um motor fundamental do seu trabalho?

OR: Sim, acho que sim. A inquietação, no sentido de existir, de observar e de deixar que as coisas me toquem, continua a ser fundamental. Há também uma

necessidade pessoal muito forte: costumo dizer que um dia em que acordo e não imagino nada, não escrevo nada ou não reflito sobre nada, não é um dia. Já faz parte da minha forma de estar na vida – criar, observar, estar atenta. Mesmo num restaurante, basta alguém passar, alguém estar numa determinada posição, uma luz surgir de um sítio inesperado. Estou sempre a olhar para o mundo a partir da possibilidade das imagens, daquilo que vejo, do que ouço, do que leio, e que espicaça a minha imaginação. Portanto, não é que tudo seja matéria de trabalho, mas, de certa forma, tudo pode ser. Se a isso se chamar inquietação, talvez não seja exatamente esse o termo. Diria antes que tenho uma grande energia vital. Não me deixo ficar parada – embora também goste de não fazer nada, de olhar para o teto, de pensar. Mas mesmo aí estou a pensar. Há uma vontade constante, uma energia, um desejo latente de fazer, de construir, de imaginar e de criar. Isso é verdade.

AA: Porque sentiu que este era o momento para voltar a um solo?

OR: Na realidade, a vontade de fazer um solo esteve sempre presente. Se dependesse apenas da minha vontade e das minhas possibilidades, talvez estivesse sempre a fazê-los. Mas tenho uma companhia e quero criar com as pessoas; o meu percurso tem sido cíclico. Fiz o meu primeiro solo em 1988 e, depois, entre 1989 e 1992, fiz vários seguidos, um atrás do outro. Houve depois um interregno e, de certa forma, é quase como se, de dez em dez



anos, voltasse a esse formato. Talvez também porque fazer um solo é um processo muito intenso. Sou eu própria em palco, numa espécie de luta entre a bailarina e a coreógrafa, em que ainda não se sabe bem quem vai ganhar. É um trabalho mais inteiro nesse sentido e que me exige imenso. Nunca quis que a minha vida artística fosse centrada apenas em solos, porque, se assim fosse, faria um por ano e deixaria de

trabalhar com outras pessoas. Hoje trabalho com mais calma. No início da minha carreira tudo foi muito acelerado – houve períodos na Gulbenkian em que fiz três peças num ano, o que é imenso. Atualmente isso não é possível, nem artisticamente nem financeiramente. Como tenho a minha companhia e muitas outras atividades, temos condições para fazer uma criação por ano, o que me dá tempo para

refletir e criar.

Este solo aconteceu agora. Não foi propriamente um chamamento, mas uma pergunta: “Porque não agora?” Senti que era o momento certo. Um bom momento para fazer uma pausa no trabalho com o grupo, para refletir sozinha. Sinto-me bem fisicamente e quis perceber que corpo é este agora, que mulher é esta hoje. Já passaram treze anos desde “A Sagração da Primavera”, um solo que foi extremamente exigente, quase devastador para mim. Perguntei-me: que corpo é este hoje? Que relação é esta com uma mulher de setenta anos? Achei que poderia ser um gesto de grande empoderamento da mulher – não apenas de mim, mas da mulher enquanto figura universal – sobretudo numa área como a dança, onde o corpo está no centro. No teatro, pode-se continuar muito mais tarde; na dança, não é assim tão comum. Fiz a proposta à minha equipa e todos acharam uma ótima ideia. Coincidiu com os trinta anos da companhia, embora o solo não tenha sido pensado como celebração. Tive ainda um ano de trabalho, com seis residências artísticas, o que permitiu que o processo fosse crescendo e amadurecendo de residência em residência. Esse tempo de maturação foi fundamental. Criar algo consistente exige tempo.

AA: E o que é que é mais exigente hoje: o corpo ou a exposição emocional em palco?

OR: Hoje, o mais exigente é o corpo. A exposição emocional já não é um problema; isso está resolvido.

“Não é um espetáculo sobre memórias, embora eu venha carregada delas. Nem é sobre referências, apesar de também as trazer comigo. É mais sobre quem eu sou agora, sobre como estou hoje.”

O corpo tem a sua idade e é exigente. Não tento fazer coisas que já não consigo fazer – isso seria perigoso. Mas mesmo assim, estamos a falar de uma hora de espetáculo. Exige preparação física constante, não apenas no dia da apresentação. Há todo um trabalho de aquecimento, de manutenção, e a consciência de que, ao mínimo deslize, posso magoar-me. Tenho muito respeito pelo corpo.

Faço fisioterapia regularmente como manutenção e há muitas marcas de desgaste – são cinquenta anos de trabalho. Nunca tive grandes acidentes, nunca tive um acidente sério; é sobretudo o desgaste acumulado da prática da dança, que é um trabalho extremamente exigente ao longo do tempo. Já operei os joelhos, por exemplo. Tudo isso deixa marcas, mas não me posso queixar. Se me queixasse, não

estaria a fazer este solo. Apesar de tudo, sinto que o meu corpo continua a responder de forma adequada àquilo que lhe peço.

AA: Este espetáculo é também uma afirmação de presença? Um “ainda estou aqui”?

OR: Sim, mas não exatamente nesse sentido. Não é tanto um “ainda estou aqui”, é mais o prazer de voltar. Um prazer que tem algo de egocêntrico, claro, mas que é também muito pensado a partir do público. No início houve muitas dúvidas: como é que eu vou conseguir? O que é que ainda tenho para dar? O que é que tenho

para partilhar? E fui percebendo que aquilo que tenho para partilhar é precisamente o que parece mais frágil – e que, afinal, não o é. Não é um espetáculo sobre memórias, embora eu venha carregada delas. Nem é sobre referências, apesar de também as trazer comigo. É mais sobre quem eu sou agora, sobre como estou hoje. E também sobre um lado meu que as pessoas não conhecem tanto: o lado mais frontal, de falar diretamente com o público. Nunca tinha feito um solo em que explicasse como o espetáculo foi construído ou em que falasse da minha geração e da geração dos meus pais. São coisas que podem





parecer banais, mas que criam uma proximidade muito grande com o público, quase como se fossem meus amigos. Estou ali a falar com eles. E isso é uma mais-valia do solo, porque é uma dádiva. Apesar de ser também um autorretrato, não é tanto um trabalho biográfico; é um autorretrato do momento em que estou agora.

AA: Criar O Salvado foi um processo muito solitário. O que descobriu nesse diálogo consigo mesma?

OR: Descobri a vontade e a capacidade de ter humor. Essa

foi, de facto, a grande descoberta. Eu sabia que tinha humor, mas nunca o tinha colocado em prática desta forma, sobretudo no sentido da repetição. Uma coisa é fazer um comentário pontual e as pessoas rirem-se; outra é conseguir, espetáculo após espetáculo, manter esse sentido de humor com o mesmo sabor. E isso acontece porque sou eu, faz parte de mim.

Lembro-me muito da minha mãe – passámos a vida a rir com ela. O humor vem claramente dela. A tristeza e a sensibilidade vêm do meu pai. Isso está tudo misturado em mim. E, neste espetáculo, ao ir

fabricando o meu próprio modo de estar, a minha maneira de ser, creio que se percebe não uma personagem, mas a Olga.

AA: Esta criação ajudou-a a lidar com a passagem do tempo ou tornou-a mais consciente dela?

OR: Sim, ajuda. Foi curioso perceber que o espetáculo correu bem, que as pessoas gostaram e que públicos de várias idades e gerações choram e riem. Pensei: “Que bonito, que bom.” Durante algum tempo achei que já não tinha tanto para dar – que o meu corpo já não era o que tinha sido,

que já não tinha a juventude de antes. Mas percebi que há outras coisas que se ganham com o tempo, que abrem outras portas. Cheguei mesmo a pensar que, quanto mais velha ficar, melhores espetáculos posso vir a fazer. Isso deu-me uma perspetiva nova. Quem sabe se ainda não farei outro solo, daqui a algum tempo.

AA: Depois de O Salvado, o que é que ainda a move artisticamente?

OR: É sempre a mesma coisa: eu quero continuar. Sou muito sensível a tudo o que se passa à minha volta – ao mundo, às nossas relações, ao tempo em que estamos a viver. Estamos sempre em mutação, e agora passamos por coisas muito diferentes, tanto social quanto politicamente, e tudo é muito confuso. Não me interessa fazer política direta, mas interessa-me pensar onde estamos, o que sentimos, quais são as nossas preocupações com o futuro e com o planeta. O que mais me preocupa é a velocidade em que vivemos. A máquina acompanha, mas o ser humano não. Estamos constantemente a correr – com telemóveis, computadores, horários, trânsito – e isso faz mal à cabeça. Temos que abrandar, de algum modo. É sobre isso que

“Com o Salvado descobri a vontade e a capacidade de ter humor.”



quero refletir artisticamente: o tempo, a pausa, a viagem interior. O meu próximo espetáculo chama-se Oásis – ou melhor, Oásis, no sentido de perguntar: que oásis existe dentro de nós? Vai ser com seis bailarinos, estreia em novembro, com coprodução do Teatro das Figuras, e possivelmente do CCB. É para este ano, e depois continuarei. Nos próximos quatro anos, vou trabalhar numa tetralogia que já chamei de Manual Incompleto da Humanidade, um projeto que vai explorar os erros humanos, o tempo, a tecnologia, o mundo em que vivemos – uma espécie de manual crítico e poético da nossa contemporaneidade. Pode parecer megalómano, mas é assim que as coisas se constroem. Até 2030 planeio desenvolver esta linha, enquanto a companhia ganha autonomia, com outros a coordenar atividades, para que

eu possa focar-me mais na criação e reflexão.

AA: O que gostaria que o público levasse do espetáculo em Almada?

OR: Gostaria que cada pessoa saísse com uma reflexão pessoal. Não se trata só de mulheres ou de mim; trata-se do ser humano, de cada indivíduo. Que possam fazer uma viagem comigo – entradas e saídas, momentos profundos, momentos leves, pequenas interrupções poéticas ou humorísticas – e que consigam rir, sentir-se tocados, emocionar-se. Que o público viva Almada como se fosse uma residência artística, que cada espaço do espetáculo se torne parte da experiência. Em resumo: que façam uma viagem bonita comigo, porque para mim, essa viagem é muito bonita.